

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

26



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2017

que ganham destaque. Alguns destes textos vêm assinados por nomes experientes neste domínio científico, como são os de S. L. Budin e A. Glazebrook.

Igualmente de salientar é o facto de o mundo etrusco e itálico pré-romano ter aqui direito a usufruir de uma parte substancial do livro, ocupando mais de uma centena de páginas («Etrúria and the Italian archipelago», pp. 739-882). Estudos sobre a maternidade, o casamento, a saúde e a escravatura neste complexo espaço-temporal dão uma consistência significativa ao livro. A parte VIII, «Rome» (pp. 883-964), é constituída por sete estudos apenas. E este nosso «apenas» deriva do facto de aqui se estar a falar sobre Roma, uma das áreas até agora privilegiadas neste domínio. Talvez por isso, contudo, se encontre agora um número menos chamativo para uma categoria tão abrangente como «Mundo Romano». São sobretudo as funções sociais (desde a maternidade ao exercício de ofícios ou profissões, como a prostituição e a gladiatura) que aqui são analisadas e sintetizadas.

A penúltima parte do livro («At the edges», pp. 965-1038) é reservada aos temas marginais e da marginalidade. Por isso mesmo, arriscamos escrever que se trata de uma das partes mais interessantes, pela originalidade também, que podemos ler no volume. Aqui, encontramos estudos sobre as mulheres como guerreiras (clássico tema das Amazonas), as mulheres do mundo celta e do mundo escandinavo e, tema que salientamos em particular por razões óbvias, as mulheres do mundo ibérico, num bem conseguido texto de síntese assinado por L. Prados Torreira.

Recorrendo ao italianismo *Coda* («cauda» ou, por conseguinte, «final» ou «a terminar»), termo usado sobretudo na música, as editoras optaram por encerrar de modo elegante este conjunto de estudos com um texto de K. L. Gaca sobre a permanência de algumas atitudes em relação às mulheres, sobretudo em sociedades patriarcais, desde a Antiguidade (pp. 1039-1056). Com esta opção, há claramente uma intencionalidade politizada que, no entanto, não deixa de ter a sua utilidade, porquanto mostrar que a História, mais do que uma mera curiosidade pelo passado, é essencialmente uma matriz de reflexão social, política, mental, com vista à acção no presente e no futuro. Também nos parece significativo, ainda que eventualmente não intencional, que da totalidade dos autores dos estudos, apenas uma minoria de 16 seja masculina. Por outro lado, isso também poderá traduzir, de forma sociológica, o tipo ou perfil de investigador que cada tópico a investigar atrai.

O volume em recensão inclui ainda mapas e cronologias, bem como sínteses de história política que são da maior utilidade, bem como um índice geral e bibliografias actualizadas para cada tópico em estudo.

**Nuno Simões Rodrigues**

*Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*

**MARIA REGINA CÂNDIDO, org.** (2012), *Mulheres na Antiguidade*. Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos da Antiguidade/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 368 pp. ISBN 978-85-60538-08-9.

Esta obra é uma ambiciosa colectânea de 22 pequenos estudos sobre figuras de mulher na Antiguidade, abarcando um arco temporal que vai desde o III milénio a.C. até cerca do século IX da nossa era e um espaço geográfico que, desde a Mesopotâmia e o antigo Egipto, passa pela Arábia, Grécia e Roma. É coordenada pela professora associada de História Antiga da Universidade do Rio

de Janeiro, que supervisiona também o curso de especialização em História Antiga e Medieval da mesma Universidade. Autora do curto prefácio ao livro, Maria Regina Cândido coloca duas questões que entende pertinentes e que se pretende problematizar na obra, i.e., até que ponto a estratificação social constituiria um factor determinante para definir o estatuto das mulheres na Antiguidade, quanto à sua liberdade de acção e esferas de influência, e qual seria o campo de acção e desígnios deixados às profetisas e às deusas que viviam no imaginário social das épocas estudadas.

A organizadora desta colectânea estabelece ainda a intenção de que esta se constitua pioneira no tipo de reflexão proposto, que afirma inovador na historiografia brasileira, também por fugir à caracterização tradicional da mulher tal como tem vindo a ser retratada na historiografia da Antiguidade. Ao assinar o capítulo sobre a “Arqueologia de Género”, que menciona no prefácio, Maria Regina Cândido remete-nos desde logo para uma panorâmica de estudos de género. Naquele estudo, a autora faz um périplo pelos movimentos feministas desde a sua génese até à actualidade, sublinhando que a arqueologia de género, que um autor já considerou passível de vir a fazer parte de programas académicos, visa “recuperar o papel socio-cultural da mulher no passado através dos indícios deixados pela cultura material” (pp. 268 e 269). Reconhece, contudo, que o seu campo de acção é essencialmente de origem anglo-americana.

Dois capítulos são assumidamente estudos de género: Lourdes Conde Feitosa dedica o seu ao masculino *vs.* feminino na sociedade romana dos dois primeiros séculos da era cristã, tendo o cuidado de traçar, na primeira metade da sua intervenção, uma curta panorâmica que destrinça a narrativa histórica sobre homens e mulheres feita até meados do século XX dos conceitos de género e respectiva historiografia introduzidos a partir dessa altura. Propondo uma epistemologia para as construções discursivas a formular, realça a categorização geralmente aceite de “homem” e “mulher” como construção social estereotipada que se impõe desconstruir. Pedro V. S. Peixoto (um dos poucos autores cuja bibliografia é maioritariamente posterior ao ano 2000), num capítulo indicado no índice como iniciando na pág. 296, mas que de facto começa na pág. 306, estuda as relações de género e representações das mulheres celtas em textos gregos e latinos dos autores Diodoro Sículo, Estrabão, Plutarco, Tácito e Amiano, visando rectificar a imagem erroneamente percebida de uma sociedade celta matriarcal. Já Adriene Baron Tacla, que também dedica o seu trabalho à mulher nas sociedades celtas, tomando por modelo a “Dama” de Vix (século VI/V a.e.c.), afirma que o seu não pretende ser um estudo sobre as relações de género (pág. 12).

Além do supracitado, temos mais três capítulos que versam sobre Roma e seus valores: um estudo sobre a mulher nos escritos de Tácito, um sobre a construção do mito de Claudia Quinta, partindo da chegada a Roma da deusa Cibele e um dedicado à matrona romana Prudentila, mulher de Apuleio em segundas núpcias. Este trabalho, da autoria de Semíramis Corsi Silva, vem indicado no índice como começando na pág. 306, mas inicia de facto na pág. 332.

Três capítulos evocam as personagens homéricas Cassandra, Helena de Tróia *vs.* Helena do Egipto e Hécuba (esta última em Eurípides). O Egipto reclama para si dois trabalhos, ambos focados no Império Novo (séculos XVI a XI a.e.c.). Também a Atenas do século V a.e.c. é objecto de dois capítulos, um a retratar a cidadã no tempo de Platão e outro sobre a iconografia representativa da harpista e seu instrumento. O mito está ainda presente em duas figuras controversas, Medeia e suas tradições e a menos conhecida Lilite, antigo demónio mesopotâmico transformado pelas literaturas medievais na primeira mulher de Adão, que se teria rebelado contra Deus e fugido do Paraíso para desposar o opositor.

Um estudo evoca a rainha Ešarra-hamat, mãe do rei Assurbanípal II, explorando a possível utilização do seu fantasma na consolidação do poder do famoso soberano assírio. Miriam L. I. Silva discorre sobre a biografia de Santa Radegunda de Poitiers (século VI), escrita pela monja Baudonívia do Mosteiro de Santa Cruz de Poitiers, que aquela princesa franca fundara. Maria do Carmo P. Santos tenta retratar a condição da mulher muçulmana, mencionando as divindades anteriores ao Islão de Maomé para ilustrar a protecção que a legislação corânica terá representado para o mundo feminino muçulmano. Não deixa, contudo, de sublinhar a dificuldade de um trabalho desta abrangência, já que a extensão do mundo muçulmano e suas especificidades regionais exigem investigação muito mais aprofundada e direccionada para as diferentes sociedades islâmicas ao longo do tempo nos respectivos contextos.

Também Paulina Nólíbos recorre a uma tragédia de Eurípides (*As Bacantes*) para tratar o fenómeno das ménades, que contrapõe como mulheres livres às mulheres gregas tradicionais, “fiéis às expectativas do papel social do seu sexo” (p. 292). Vicente Dobroruka faz um interessante trabalho, que ressalva à partida não se tratar de uma abordagem de género, sobre a suposta figura feminina presente nos *Oráculos Sibilinos*, a qual discorre abertamente sobre a sexualidade e o casamento.

Apenas um estudo é dedicado a uma deusa, o de Maria Cecília Colombani sobre Ártemis. Tendo presente uma das problemáticas enunciadas no prefácio, seria interessante encontrarmos mais trabalhos dedicados a outras deusas da Antiguidade, além da *Magna Mater* referida por Cláudia Beltrão da Rosa quando narra o mito sobre a figura de Cláudia Quinta, assim como sentimos a ausência da Pitonisa de Delfos no campo da profecia ou mesmo de uma das Sibilas gregas.

A obra, que beneficiaria com uma revisão cuidada (já que são muitas as gralhas tipográficas), é na realidade um mosaico de pequenos tratados que podem constituir um bom ponto de partida para o aprofundamento dos temas e, nomeadamente, para uma perspectiva mais abrangente na historiografia de género, cada vez mais actual.

**Maria Fernandes**

*Centro de História, Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*

**ADRIENNE MAYOR** (2014), *The Amazons: Lives and Legends of Warrior Women across the Ancient World*. Princeton, Princeton University Press, 536pp. ISBN: 978-0-691-17027-5 (Hardcover: £24.95; Paperback: £14.95).

At the beginning of the book, Mayor (M.) refers to her work as an “encyclopaedia Amazonica”, a compendium of everything related to Amazons. This is, in my opinion, the best short description of this book, since, to my knowledge, there is no study of Amazons more complete than this one – a very extensive book (536 pages, providing almost one hundred illustrations), divided in four major parts.

The first part, entitled ‘Who were the Amazons’, provides an initial insight to the complexity of the topic that will be deeply explored in part two. It is an extended introduction to the topic, presenting the difficulties in navigating through the Greco-Roman sources on the subject, presenting some of the non-Greek sources approached in the book, explaining the problematics that the author